

RECORDAÇÃO E APEGO À VIDA: DA MEMÓRIA CORPORAL À MEMÓRIA DAS SENSações NA LITERATURA E NA CULTURA DIGITAL

Bruno Vasconcelos de Almeida¹

RESUMO

O presente artigo investiga as relações entre memória e subjetividade, com especial atenção para as passagens da memória corporal à memória das sensações. Aborda inicialmente a pergunta de quem é a memória, percorrendo as distinções entre memória individual, coletiva e social. Na sequência, o trabalho contextualiza a importância da memória corporal do ponto de vista da psicanálise, e relevância da questão da memória das sensações, do ponto de vista da filosofia. Com o objetivo de trabalhar as passagens da memória corporal à memória das sensações, o trabalho utiliza-se das literaturas de Marcel Proust, Danilo Kis e Hermilo Borba Filho. Ao final do artigo, encontra-se a problematização da memória no âmbito da cultura digital a partir da memória literária enquanto agenciamento ativador da memória sensível. O problema da memória está diretamente relacionado à questão da política e da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Memória. Memória Corporal. Memória das Sensações. Literatura. Cultura Digital.

Recordar é viver/Eu ontem sonhei com você./Recordar é viver/Eu ontem sonhei com você./Eu sonhei,/Meu grande amor,/Que você foi embora,/Logo depois voltou. (Adolfo Macedo, Aldacir Louro e Aluísio Marins).

Recordar é viver/Eu ontem sonhei com você./Recordar é viver,/Eu ontem sonhei com você./Eu sonhei,/Meu grande amor,/Que você foi embora,/E nunca mais voltou, meu amor. (Adolfo Macedo, Aldacir Louro e Aluísio Marins).

1 MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE

Como pensar a questão da memória situada na confluência dos processos de produção de subjetividade e dos agenciamentos midiáticos de transmissão e registro? De que memória pode-se falar na cena digital contemporânea? Aceleracionismo, fluxos cada vez mais potentes de informações, registro e armazenamento de narrativas e imagens em quantidades jamais imagináveis há poucos anos.

¹ Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas (PPGCOM PUC Minas). Professor do Departamento de Psicologia da PUC Minas. Pós-Doutor em Filosofia (UFMG, 2016; UFMG, 2014). Doutor em Psicologia Clínica (PUC-SP, 2010). Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP, 2006). Membro do Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo (NEPC/FAFICH/UFMG). E-mail: brunovasconcelos@pucminas.br.

Pode-se pensar em uma memória como lembrança ou mesmo em uma memória que coincide com as formas expressivas da história. Pode-se falar em criação de memórias ou mesmo da memória em novos suportes tecnológicos. O testemunho alimenta a memória desde sempre, pois a história está recheada de massacres e genocídios.

O objetivo deste pequeno trabalho consiste em problematizar a relação da memória com a subjetividade. Ela está diretamente relacionada a uma das categorias da subjetividade, o tempo; e indiretamente às outras duas, o espaço e o ritmo. O tempo não é mais uma medida da vida; é a própria vida. Se antes ele era mensurável, divisível, agora ele se torna desmesurado, ou na expressão de Toni Negri, constitutivo (NEGRI, 2015). Repensar a memória, tarefa árdua quando se passa do tempo homogêneo ao tempo múltiplo, do tempo unitário ao tempo antagônico do tempo quantitativo ao tempo qualitativo, do tempo pacificado ao tempo explosivo, do tempo domado ao tempo indomável. Trata-se de uma vasta fenomenologia dos tempos a dificultar ainda mais sua compreensão.

A subjetividade diz respeito aos modos de abertura para a experiência singular dos tempos e da memória. À experiência vazia do tempo, contrapõe-se uma memória narrativa ou discursiva a tentar dar contornos para o vazio. Na definição da subjetividade, não enxergamos essencialismos, a memória não pertence ao sujeito, forma precária dos efeitos de si. Ao contrário, uma memória em movimento emerge dos encontros intensivos, dos processos de diferenciação complexa, dos devires singularizantes que geram a individuação em suas dimensões transcoletivas. Subjetividade sem sujeito, diria Deleuze.

Não é que temos uma memória, nós habitamos uma memória-mundo, no interior da qual existimos, consistindo de graus os mais diversos de contração e distensão. À medida que vivemos, nos diferenciamos, desdobramos o grau de contração e distensão da memória-mundo. (Anotação de aula, Peter Pál Pelbart, 18 de setembro de 2002).

Uma memória-mundo presente nos corpos, que a cada movimento refaz ou recria a própria memória; ou na expressão de Régine Robin, *como se o passado nevasse sobre nós*.

Espaços de memória é uma expressão bastante conhecida. Pensá-la como espaço ou paisagem leva-a para o registro de uma geografia. O tempo se inscreve na concretude das cartografias existenciais. Mas seria possível pensá-la de outro modo? Há também uma memória escrita no corpo, inscrita na corporalidade, onde o tempo é dependente da experiência sensível e as sensações são a carne da memória. Regimes de sensações ativados em outros tempos, sobretudo os não cronológicos, tempos aiônicos – condensadores e

dissipadores da experiência temporal, sensações subjacentes que se associam a outras e reconfiguram a experiência. Antes porém, de pensar a memória em sua relação com o corpo e as sensações, façamos algumas distinções entre memória individual, memória coletiva e memória social.

2 DE QUEM É A MEMÓRIA?

Há certa tradição em torno das diferentes possibilidades de se pensar a memória: individual, coletiva ou social. A memória social foi constituída inicialmente por Halbwachs, no intuito de diferenciá-la da memória individual. Leroi-Gourhan postulava a memória como concatenação de atos e a designava como memória coletiva no âmbito das sociedades humanas. Le Goff, por seu turno, reservava o termo memória coletiva para sociedades sem escrita e memória social para sociedades com escrita (GONDAR, s/d).

O surgimento da escrita certamente modificou a natureza da memória, o mesmo acontecendo com a proliferação dos arquivos digitais. A memória, portanto, articula-se com a materialidade de seus suportes orgânicos, técnicos e tecnocientíficos. O clássico de Frances Yates mostrava como as pessoas aprendiam a memorizar grandes quantidades de informação antes do advento da imprensa. As mnemotécnicas articulavam a lembrança de imagens a determinados lugares de suporte da memória. Ao discorrer sobre a arte da memória na Grécia, Yates aponta como esta última era, por exemplo, propriedade das forças divinas:

Memória para coisas; memória para palavras! É significativo que os termos técnicos da memória artificial venham à mente do orador quando, como filósofo, ele demonstra a divindade da alma. Essa prova é incluída nos cabeçalhos das partes da retórica, memória e inventio. A força marcante da alma, de recordar coisas e palavras, é prova de sua divindade; outra prova é o seu poder de invenção, não no sentido de inventar os argumentos ou coisas de um discurso, mas no sentido geral da invenção ou descoberta. As coisas que Cícero enumera como invenções representam uma história da civilização humana dos tempos mais primitivos aos mais desenvolvidos. (A habilidade de fazer isso seria, em si, evidência do poder da memória; na teoria retórica, as coisas inventadas são guardadas na sala do tesouro da memória.) Assim, memória e inventio, no sentido usado nas Tusculanas, transformam-se de partes da retórica em divisões onde a divindade da alma é provada, de acordo com as pressuposições platônicas da filosofia do orador. (YATES, 2007, p.67).

Da mesma forma que a memória teve suas relações com a divindade, por outro lado, como mostra Pierre Clastres, entre indígenas, ela se atualizava por meio dos rituais de crueldade, com a inscrição de cicatrizes no corpo, memória da tribo registrada no corpo

através do sangue. “Admirável profundidade dos selvagens, que de antemão sabiam tudo isso, e procuravam, ao preço de uma terrível crueldade, impedir o surgimento de uma crueldade ainda mais terrível: a lei escrita sobre o corpo é uma lembrança inesquecível.” (CLASTRES, 1978, p.131).

A pergunta de quem é a memória deveria apontar para a superação da divisão entre o indivíduo e a sociedade, entre o suposto eu reservatório da memória e as dimensões coletivas e transcoletivas da vida. A história da subjetividade e a história da memória social, coletiva ou cultural se sobrepõem, se misturam, se atravessam, de forma que a narrativa do tempo e da memória tem, por exemplo em Jean-Pierre Vernant, uma dimensão mítica e solidária.

Em um número do Journal de Psychologie dedicado à construção do tempo humano, I. Meyerson ressaltava que a memória, enquanto se distingue do hábito, representa uma invenção difícil, a conquista progressiva pelo homem do seu passado individual, como a história constitui para o grupo social a conquista do seu passado coletivo. As condições nas quais essa descoberta pôde se produzir no decorrer da proto-história humana, as formas de que se revestiu a memória em sua origem são problemas que escapam à investigação científica. Ao contrário, o psicólogo que se interroga sobre as etapas e a linha do desenvolvimento histórico da memória dispõe de testemunhos que concernem à situação, à orientação e ao papel dessa função nas sociedades antigas. Os documentos que servem de base ao nosso estudo tratam da divinização da memória e da elaboração de uma vasta mitologia da reminiscência na Grécia arcaica. Trata-se de representações religiosas. Elas não são gratuitas. Acreditamos que concernem diretamente à história da memória. Nas diversas épocas e nas diversas culturas, há solidariedade entre as técnicas de rememoração praticadas, a organização interna da função, a sua situação no sistema do eu e a imagem que os homens conservam da memória. (VERNANT, 1990, p.107).

Técnicas, funções, sistemas do eu e imagens da memória, em um sistema a quatro cabeças. A memória inscrita na narrativa e a narrativa da memória perfazem caminhos cruzados. A memória das imagens mergulha nas areias do deserto. Mesmo em uma estratégia de construção da memória histórica, deparamos com um oceano de memórias, recordações, reminiscências, lembranças e ainda, com o monstro de duas cabeças, danação e salvação, o tempo. O presente trabalho aborda dois tipos específicos de memória: a memória corporal e a memória sensação. Para esse desenho da memória, utilizar-se-á da problemática da memória na literatura, em especial alguns fragmentos das obras de Marcel Proust e Danilo Kis, e a problemática da memória na cultura digital.

3 PSICANÁLISE E MEMÓRIA CORPORAL

Há uma dimensão da memória que não pode ser reavivada, justamente porque ela está inscrita no corpo, ativada na sensorialidade, como um magma perceptivo que pode ou não emergir. Ela é pré-linguagem, ou se é linguagem, não é traduzível em códigos. Essa dimensão da memória diz respeito ao pré-individual, ao arcaico, ao primitivo. Por outro lado, ocorre igualmente uma dimensão da memória que consiste na ativação dos primeiros momentos de agenciamentos com a linguagem: as primeiras palavras, os primeiros olhares, os primeiros toques, cheiros e sentidos, que justamente por serem primeiros, fazem sua inscrição no corpo com a força disruptiva dos primeiros encontros.

Vale notar que o corpo, mesmo na fase do pré-individual, já carrega consigo, os signos da história. A frase de Joe Bousquet, referida por Deleuze em diferentes passagens, minha ferida existia antes de mim, sinaliza esse vínculo do corpo, do registro e da memória, com dimensões variadas que a história faz inscrever nos corpos.

A psicanálise evidenciou a importância do corpo erótico das primeiras experiências através da divisão em zonas erógenas, mecanismo um tanto quanto precário na compreensão da excitabilidade do bebê e da criança, pelo menos na sua forma tradicional; da mesma forma, os deslocamentos experimentados pelo corpo nas passagens do autoerotismo ao narcisismo e destes às relações objetais; também o papel do trauma e do inominável, aquilo que não tem nome na experiência, que não pode ser representado, e que por isso permanece em uma espécie de virtual sempre prestes a ser atualizado.

Como se dá essa atualização que poderíamos chamar de memória? Ela se dá pela experiência e pelo encontro, através da escrita ou da pintura, do cinema ou das tecnologias, da experiência analítica ou dos acasos cotidianos. Um fluxo de vir a ser, um devir caosmótico generalizado que produz a memória involuntária. Esta tem, por sua vez, o suporte do corpo, o link sensorial, e a possível elaboração pela linguagem. Neste salto para a linguagem, localizamos uma das vias que conduz à experiência literária; o despertar da memória corporal que é ao mesmo tempo experiência de horror e alegria.

A sensação passada permanece em nós, e a memória involuntária a reencontra quando uma percepção presente a ela se refere, induzida pelo mesmo desejo. Uma associação de sensações ocorre, assim, por meio do espaço e do tempo: ligação, composição, reminiscência de desejos. (KRISTEVA, 1994, p.307).

O dito popular recordar é viver tem aqui sua procedência pois o enlace entre recordação e memória tem seu registro no corpo e, portanto, na vida; vida que pulsa, que

respira, o orgânico que emerge na linguagem para dar contornos à experiência e ativar a memória inclusive daquilo que está perdido. A dimensão sensorial está na origem das formações psíquicas e as sensações formam e desformam, ou deformam, força e forma a compor os cenários da vida psíquica.

Das paisagens primitivas do psiquismo provém a violência do trauma, ligada ao desprazer, à não comunicação ou ao excesso de comunicação, e em especial, aos modos de afetação pelo mundo, que o corpo experimenta. O trauma se torna patogênico na medida em que ele não é reconhecido ou ainda na medida em que não é possível revivê-lo. O papel da memória abre as portas para um processo do trauma, para ativação de suas potências, com a consequente liberação da angústia.

A memória se liga ao trauma na medida em que ela permite a reconstrução e ressignificação da experiência não processada e armazenada no corpo. O corpo porta, assim, o material sensível de que a memória necessita para ser criada.

4 FILOSOFIA E MEMÓRIA DAS SENSações

Deleuze, em seu estudo sobre Proust, afirma que a obra *Em Busca do Tempo Perdido* está voltada para o futuro e não para o passado, pois diz respeito essencialmente a um aprendizado. Para o autor, aprender diz respeito aos signos, aprendizado temporal e não, saber abstrato. O romance explora diferentes tipos de signos; estes, por sua vez, constituem a unidade e a pluralidade da obra de Proust (DELEUZE, 1987, pp.3-5).

Em *Proust e os Signos*, Deleuze os subdivide em quatro tipos: os signos da mundanidade, os signos do amor, os signos das qualidades sensíveis ou impressões e, por fim, os signos da arte. Marcel Proust investiga os signos para compreender os sentidos. O signo mundano surge como substituto de uma ação ou pensamento, que não remete a nenhuma outra coisa. Os signos amorosos desembocam em mundos que se formam sem nós. *As mentiras do amado são os hieróglifos do amor*, diz Deleuze. Os signos das qualidades sensíveis, ou impressões, se apresentam como signos de objetos diferentes, que solicitam um deciframento. Trata-se de uma experiência de fracasso, mas ao mesmo tempo intensa, que atualiza o vivido e cobra interpretação. Os signos da arte, por sua vez, encontram seu sentido em uma essência ideal, reagindo sobre os demais e os transformando (DELEUZE, 1987, pp.3-14).

De certa forma, pode-se dizer que na obra de Deleuze, um dos objetivos da literatura, ou da escrita literária, consiste em levar ao estado de uma potência impessoal. A fabulação inventa modos de existência como condição de um devir sensível e como condição do delírio. A literatura pode ser entendida como expressão das intensidades imanentes da vida. Os signos forçam a pensar, a buscar o sentido, a buscar a adequação signo e sentido, algo como uma individuação pelos signos. Pode-se arriscar, nesse ponto, a ideia de que a memória trabalhe para a captura das forças da vida. Papel da literatura, capturar forças. Papel da memória, potencializar essa mesma captura. Em Proust, a recordação que individua através dos signos, produz uma memória intensiva da vida, em especial, com os signos sensíveis e com os signos da arte.

Em que nível, então, intervém a famosa memória involuntária? Ela só intervém em função de uma espécie de signos particulares: os signos sensíveis. Apreendemos uma qualidade sensível como signo; sentimos um imperativo que nos força a procurar seu sentido. Então, a memória involuntária, diretamente solicitada pelo signo, nos fornece seu sentido (como Combray para a madeleine, Veneza para as pedras do calçamento...). (DELEUZE, 1987, p.53).

Os signos forçam a pensar e a buscar o sentido. Os signos da arte são superiores aos demais porque são resultado do aprendizado temporal, convertendo o tempo perdido em tempo redescoberto. No caso de Proust, a memória fornece sentidos. De um signo a outro, uma reverberação intensiva produz memória como acontecimento. Pode-se falar em memória das sensações? Recorro ao comentário de Deleuze em *Lógica da Sensação*, seu estudo sobre Francis Bacon:

Há duas maneiras de ultrapassar a figuração (quer dizer, tanto o ilustrativo, quanto o narrativo): em direção à forma abstrata, ou em direção à Figura. Cézanne deu a essa via da Figura um nome simples: a sensação. A Figura é a forma sensível referida à sensação; ela age imediatamente sobre o sistema nervoso, que é carne, enquanto a Forma abstrata se dirige ao cérebro e age por intermédio do cérebro, mais próximo do osso. Cézanne certamente não inventou essa via da sensação na pintura, mas deu-lhe um estatuto sem precedentes. A sensação é o contrário do fácil e do lugar-comum, do clichê, mas também do 'sensacional', do espontâneo etc. A sensação tem um lado voltado para o sujeito (o sistema nervoso, o movimento vital, o 'instinto', o 'temperamento', todo um vocabulário comum ao Naturalismo e a Cézanne) e um lado voltado para o objeto ('o fato', o lugar, o acontecimento). Ou melhor, ela não possui lados; ela é as duas coisas indissoluvelmente, é ser-no-mundo, como dizem os fenomenólogos: ao mesmo tempo eu me torno na sensação e alguma coisa acontece pela sensação, um pelo outro, um no outro. Em última análise, é o mesmo corpo que dá e recebe a sensação, que é tanto objeto quanto sujeito. Eu como espectador só experimento a sensação entrando no quadro, tendo acesso à unidade daquele que sente e do que é sentido. A lição de Cézanne vai além dos impressionistas: não é no jogo 'livre' ou desencarnado da luz e da cor (impressões) que está a Sensação, mas no corpo,

mesmo que no corpo de uma maçã. A cor está no corpo, a sensação está no corpo, e não no ar. A sensação é o que é pintado. O que está pintado no quadro é o corpo, não enquanto representado como objeto, mas enquanto vivido como experimentando determinada sensação (o que Lawrence, falando de Cézanne, chamava de 'o ser maçanESCO da maçã'). (DELEUZE, 2007, pp.42-43).

A sensação está no corpo, a cor está no corpo, a sensação é o que é pintado, e no quadro, está o corpo, experimentado e vivido como sensação. O ser maçanESCO da maçã enquanto variação ou modulação da experiência sensível. Trata-se, na experiência estética, de ir além do corpo, de experimentar para além dos limites que o corpo pode suportar. A sensação já não é dependente dos sentidos, ela é um ser em si, experimentado na relação com a pintura ou a literatura. Vejamos os exemplos de Marcel Proust, Danilo Kis e Hermilo Borba Filho.

5 MEMÓRIA DAS SENSações PARA ALÉM DA MEMÓRIA CORPORAL:

A LITERATURA DE MARCEL PROUST, DANILO KIS E HERMILO BORBA FILHO

A relação da memória com a subjetividade passa pela criação. Ao criar memórias, criam-se formas de vida e modos de existência. Nesse caso, a memória produz sentidos. Imaginemos a perda completa da memória, a criação de um vazio sustentado apenas no tempo presente. A amnésia parcial permite criar pontes entre o vazio e o pleno da recordação, mas se a perda da memória é completa, o sujeito é lançado no vazio mais profundo de sua própria existência. Invoca-se aqui a necessidade da repetição, de um entorno narrativo que permita ao desmemoriado, reconhecer sua existência.

5.1 Proust e a memória como sensação

A memória em Marcel Proust é dependente dos sentidos e das sensações. O ato de recordar e rememorar liberta do presente, narrador e leitor transitam entre círculos e experiências distintas. Os acontecimentos pertencem a tempos distintos e, de certa forma, a experiência reinventa o tempo e cria novos espaços. Para Proust, o passado revisto pela memória involuntária produz a obra de arte. A memória voluntária é adquirida pelo hábito e pela repetição; a memória involuntária independe da vontade, surge da lembrança e da imprevisibilidade. Nesse caso, uma sensação vai além dos sentidos; somente até certo ponto

ela é dependente do corpo, do tato, do olfato, paladar, da visão e da audição. A sensação resvala para o intensivo, o corpo não aguenta mais.

E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Léonie me oferecia, depois de o ter mergulhado em seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. O simples fato de ver a madalena não me havia evocado coisa alguma antes de que a provasse; talvez porque, como depois tinha visto muitas, sem as comer, nas confeitarias, sua imagem deixara aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara; as formas – e também a daquela conchinha de pastelaria, tão generosamente sensual sob sua plissagem severa e devota – se haviam anulado ou então, adormecidas, tinham perdido a força de expansão que lhes permitiria alcançar a consciência. Mas quando mais nada subsiste de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação. (PROUST, 1987, pp.50-51).

De acordo com Leda Tenório da Mota (1988), passado e presente se superpõem em Proust, confundindo a posição enunciativa. Mas não é somente no âmbito da linguagem que se dá a superposição, também no âmbito da experiência, superposição essa que cria uma nova dimensão temporal, condensadora e dissipadora de tempos. Talvez haja em Proust, e isto é mera especulação diletante, linhas de força para se buscar na experiência literária, outras possibilidades de relação com o tempo, problema capital do presente.

5.2 O inapreensível e o além do arquivo: Danilo Kis e a memória dos mortos

A *Enciclopédia dos Mortos*, do escritor iugoslavo sérvio Danilo Kis, é na verdade uma coletânea de contos sobre a morte, onde um deles dá nome ao livro. Nele, uma mulher sonha ser levada a uma grande biblioteca, dividida em salas a partir das letras do alfabeto. Essa mulher havia perdido seu pai. A biblioteca contém unicamente a enciclopédia dos mortos. Ela se dirige para a sala da letra M e encontra o volume dedicado a seu pai. A enciclopédia reúne nomes de pessoas comuns, vidas comuns, não contadas ou narradas em grandes feitos e fatos. No volume encontrado estão detalhes como nascimento, casamento, e outros.

Danilo Kis imagina um grande arquivo contendo aquilo que não pôde ser registrado em outros lugares, dimensões do vivido que não podem ser armazenadas. Os detalhes, as histórias das vidas comuns, que se perdem na dimensão cronológica do tempo e da história.

Uma festa, por exemplo, quem estava presente, quem organizou, quem preparou os pratos, quais olhares se cruzaram, quais experiências, sensações e sentimentos ali ocorreram. Seria possível uma enciclopédia daquilo que não pode ser apreendido?

Kis imagina uma biblioteca do inapreensível, à maneira de Borges, ou da Biblioteca das Coisas que Nunca Existiram. É possível pensar que seus precedentes são o Livro Egípcio dos Mortos e o Livro Tibetano dos Mortos. Eles não tratavam de cerimoniais fúnebres, mas consistiam em caminhos iniciáticos para o mundo dos mortos, livros de iniciação e aprendizagem voltados para a experiência do sagrado e da intrincada relação entre a vida e a morte. Já o conto de escritor sérvio contém na enciclopédia dos mortos os registros cotidianos e uma dimensão da experiência que não pode ser apreendida. Haveria no mundo contemporâneo, algo dessa natureza? Algo que não está na memória cultural, nos canais de comunicação ou nas mídias comerciais, nem nas novas tecnologias de armazenamento?

“... O essencial de uma vida humana não é armazenado nem armazenável” (ASSMANN, 2011, p.426). O que não pode ser armazenado ou arquivável ainda assim integra a memória? Enciclopédia do inapreensível, *dedicada à dimensão esquecida e inarticulável dos que já se foram* (IDEM, 427). Em certa medida, a memória da vida comum é paradoxal, pois ao lidar com o desconhecido, lidamos com tipos sociais. Robin (2016) observou que os tipos sociais não possuem individualidade, um militante comunista, um operário, uma camponesa. Por outro lado, essa memória do inapreensível é ao mesmo tempo processo de singularização, de diferenciação, de individuação e subjetivação. O belo conto de Danilo Kis é emblemático dos dilemas da memória, do que ela pode e do que ela contém. O mesmo vale para as lembranças, para os arquivos, para os registros.

5.3 Hermilo Borba Filho e a memória resistência

Outra linha possível para os estudos da memória é aquela que a compreende como resistência. Ao ser criada, a memória impõe-se como força nos processos de enfrentamento e combate aos poderes. Ela precisa se despregar do jogo narrativo que impõe sua força. A memória para não esquecer é também a memória que mantém a vida, que sobrevive, que insiste, que permanece na luta contra e através das diferentes artimanhas dos poderes exercidos em diferentes situações. Nesse caso, a memória articula-se com a política.

A literatura de Hermilo Borba Filho, escritor, crítico literário, dramaturgo, diretor, teatrólogo, tradutor, jornalista e advogado pernambucano, e um tanto quanto esquecida, é um dos exemplos de obra que resiste aos inúmeros poderes. Comparado a Henry Miller, escreveu a tetralogia *Um Cavalheiro da Segunda Decadência*. De forte teor memorialístico, a obra de Hermilo inscreve sua narrativa naquilo que se pode configurar como memória resistência. Escrita vigorosa, por vezes violenta, coleciona diferentes resistências: resistência aos coronéis, resistência à ditadura de Vargas, resistência às prisões do corpo, resistência a mandos e desmandos.

A tetralogia apresenta memórias das diferentes fases da vida do autor. Autobiografia por meio de romance, a obra é busca do corpo, busca das sensações e busca do espiritual. A ficção ultrapassa o biográfico, a linguagem envolve o leitor. A formação, os acontecimentos, a cidade de Recife, dão lugar à imagem das águas, que trazem e levam memórias e experiências. Vale anotar duas pequenas passagens dessa literatura memória, memória lembrança que resiste e memória do grito ou eco de vozes distantes:

De olhos fechados mastigo tudo o que passou e só vou interromper esta narrativa quando o infarto, o atropelamento, o câncer, a esclerose, uma dessas coisas me pegar de sopetão. Aqui estou de pés plantados na terra, vomitando palavras. Lembro-me de tudo: dos cheiros, das cores, das palavras, de todos os atos. Embora saiba que jamais alcançarei o futuro, continuarei escrevendo até secar os dedos. O que importa é lembrar e pedir para não ser julgado. Esta é uma tábua de lembranças. (BORBA FILHO, 1966, p.2).

Eu olhava pela janela e via a campina vazia, somente poucas árvores balançadas pelo vento forte que vinha do mar, um vago cheiro de maresia, porque o mangue, mais por efeito do ria, à mercê das marés baixas ou altas, conseguia sufocar qualquer odor que não fosse o da lama onde se misturavam patas de caranguejos, olhos de peixes, folhas mortas, calor de sol, frieza de estrelas, mijo, fezes, restos de comida, sangue de várias procedências; e houve um eco que eu jamais saberia de onde se originara, de que grito, por que grito, destorcido impossível saber se de gozo ou raiva assassina, talvez mesmo um simples som sem intenções, dado por dar, ato gratuito sem nenhum intuito de ressonância, mas me havia atingido e me obrigara a desviar a atenção do trabalho na manhã de sábado. E por que entre tantos ruídos caseiros, tantas interrupções, passagens, bater de palmas, somente o eco tivera o poder de me afastar do esquema em que trabalhava havia horas, na ingente tarefa de preparar uma aula que não me interessava o mínimo? (BORBA FILHO, 1972, pp.3-4).

6 A MEMÓRIA E A CULTURA DIGITAL

A memória sensação de Proust, a memória do inapreensível de Kis, a memória resistência de Borba Filho apontam potencialidades que a memória tem quando tratada pela literatura. A memória que emerge da escrita literária é potência. Não seria o caso de nos

perguntarmos se esta memória literária não se contrapõe à memória digital/virtual, que é memória de registro e arquivo? Ao se destituir do contato com a vida, com o orgânico, com corpos e sensações, e mergulhar no mundo digital, não estaríamos assistindo à transformação da memória em direção ao imperceptível, a uma memória desvitalizada?

Se ela é arquivo e registro, se ela é armazenamento de experiências, de palavras, de textos, de imagens, de tantas coisas, mas não mantém seu vínculo com a vida, ou algo que estabeleça a ligação memória vida (BERGSON, 2006), ela seria esse arquivo sem atualização, memória cristalizada, sem acesso a seus próprios cristais, pura recordação sem apego à vida. Uma memória sem a potência de ativação da vida é mero arquivo, ela não respira, memória sem carne, feita apenas de ossos. Se as literaturas de Proust, Kis e Hermilo trazem a força estética da memória, como pensar esses mecanismos na cultura digital? Como criar uma política de ativação da memória sensível na cultura digital?

A cultura digital ampliou consideravelmente as comunicações mediante interconexão de diferentes mídias. A internet favoreceu a criação de espaços e redes eletrônicas públicas e privadas, e um misto das duas ou ainda a inexistência, por outro lado, de fronteiras entre o público e o privado. Os aplicativos utilizados em dispositivos móveis radicalizaram as configurações da comunicação eletrônica instantânea. Blogs e WhatsApp modificam a forma como se escreve, redimensionando a escrita. Há significativa transferência de memória pessoal e coletiva para a cultura digital, da mesma forma que já há memória digital propriamente dita. Pode-se dizer que uma memória digital, produzida na cultura digital, é acionada no encontro homem e máquina, no encontro homem e algoritmo e nas relações entre máquina e algoritmo.

A relação entre dígito e sensação ainda é uma incógnita, mas certamente ela está problematizada no circuito que vai do lógico ao sensível nos processos de individuação tecnológica. Em outro trabalho (VASCONCELOS DE ALMEIDA, 2018, no prelo) estabelecemos uma tipologia das relações entre homens e máquinas, bem como entre processos e redes, a saber: interfaces, acoplagens, incorporações e fusões. Se utilizássemos do mesmo procedimento para pensar a relação da memória com a cultura digital, teríamos nas interfaces, a transferência de memória de um polo para outro. Já nas acoplagens andaríamos com a memória a tiracolo, usufruindo das facilidades tecnológicas. Quanto às incorporações, pode-se pensar que a memória é implantada nos diferentes polos relacionais,

através de downloads e uploads de conteúdos. Na fusão, por fim, a memória efetivamente se torna incorpórea, registro transcoletivo infinito de textos, imagens, sons, palavras, etc. Singularização transcoletiva de todas as existências numa megamáquina de processamento universal. Devir ciborgue.

Mas não passaria, na cultura digital, a ativação de uma memória vida, pelo campo dos afetos? Lembranças, recordações, registros, não passam pelas dinâmicas das variações intensivas disparadas quando os corpos são afetados pelo mundo informação? Ao abrir uma caixa de sapatos com cartas antigas experimentamos descompasso com o momento em que a caixa estava guardada no armário. Por outro lado, experimenta-se outra modulação intensiva quando se descobre um texto raro, em outro idioma, de difícil acesso, e que vai ao encontro de uma pesquisa em situação de impasse. O texto eletrônico do kindle também ativa conjuntamente a memória e o mundo.

Uma última questão antes de encerrar: não seria ela, a memória, dependente de uma experiência há muito em desaparecimento, a experiência de sofrer? Se inscrita no corpo e na sensação, portanto na relação de disparidade com o mundo, na produção de diferença, de diferimento, do diferir, como diria Gabriel Tarde (2007), a memória como recordação e apego à vida está diretamente relacionada ao sofrimento. Se no contemporâneo, a experiência do sofrer é anestesiada, evitada, medicada, anulada, quais diferenças e diferimentos podem ativar a memória das sensações? Obviamente a provocação remeteria este trabalho às relações entre sofrimento e cultura digital, ou sofrimento na cultura digital. O trabalho aposta na perspectiva política de que a cultura digital não tem como evitar os processos de subjetivação e individuação que passam pelo trauma, pelo afeto, pelo corpo e pela sensação e, de certa forma, algo similar àquilo que Aby Warburg denominou de ‘memória como tesouro de sofrimentos’, fundo energético ou energia mnêmica, ou ainda ‘transformadores da energia cultural mnemônica’, equivalente das dinamicidades do inconsciente freudiano e das realidades pré-individuais de Gilbert Simondon.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**: textos escolhidos. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORBA FILHO, Hermilo. **Deus no Pasto** – Um Cavalheiro da Segunda Decadência IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

BORBA FILHO, Hermilo. **Margem das Lembranças** – Um Cavalheiro da Segunda Decadência I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. 3ª Edição. Tradução Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Tradução Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Coordenação da tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. (Estéticas).

EVANS-WENTZ, W. Y. (coord.). **O Livro Tibetano dos Mortos**: ou experiências pós-morte no Plano do Bardo, segundo a versão do Lama Kazi Dawa-Samdup. Tradução Jesualdo Correia Gomes de Oliveira. São Paulo: Editora Pensamento, 2015.

FONTES, Ivanise. **Memória Corporal e Transferência**: fundamentos para uma psicanálise do sensível. São Paulo: Via Lettera, 2002.

GONDAR, Jô. **Memória Individual, Memória Coletiva, Memória Social**. Disponível em: <http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>. Acesso em: 20 de março de 2017.

KIS, Danilo. **The Encyclopedia of the Dead**. Translated by Michael Henry Heim. London: Penguin Books, 2015.

KRISTEVA, Júlia. **Le Temps Sensible**: Proust et l'expérience littéraire. Paris: Gallimard, 1994.

LEROI-GOURHAN, André. **O Gesto e a Palavra**: memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1983. (Perspectivas do Homem).

MOTA, Leda Tenório. A História de um Texto. IN: PROUST, Marcel. **O Tempo Redescoberto**. Tradução Lúcia Miguel Pereira. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Globo, 1988. (Em Busca do Tempo Perdido; 7).

NEGRI, Antonio. **O Poder Constituinte**: ensaio sobre as alternativas da modernidade. Tradução Adriano Pilatti. São Paulo: Lamparina, 2015.

PELBART, Peter Pál. **O Aveso do Niilismo**: cartografias do esgotamento. Cartography of Exhaustion: nihilism inside out. Tradução John Laudenberger. São Paulo: N-1 Edições, 2013. (Série Future Art Base).

PROUST, Marcel. **No Caminho de Swann**. Tradução Mário Quintana. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Globo, 1987. (Em Busca do Tempo Perdido; 1).

ROBIN, Régine. **A Memória Saturada**. Tradução Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*. Tradução Paulo Neves. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2007.

VASCONCELOS DE ALMEIDA, Bruno. *Tecnociências e Subjetividades: uma leitura por fluxos, territórios, mapas e universos*. 2018. (No prelo).

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento Entre os Gregos**: estudos de psicologia histórica. Tradução Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990).

YATES, Frances. **A Arte da Memória**. Tradução Flávia Bancher. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Recalling and adding to life: from body memory to the memory of sensations in literature and digital culture

ABSTRACT

The present article investigates the relations between memory and subjectivity, with special attention to the passages of the corporal memory to the memory of the sensations. It initially addresses the question of who is memory, traversing the distinctions between individual, collective and social memory. In the sequence, the work contextualizes the importance of the corporal memory from the point of view of the psychoanalysis and relevance of the matter of the memory of the sensations from the point of view of the philosophy. In order to work the passages of the body memory to the memory of the sensations, the work uses the literatures of Marcel Proust, Danilo Kis and Hermilo Borba Filho. At the end of the article, we find the problematization of the memory in the scope of the digital culture from the literary memory as agency activating the sensitive memory. The problem of memory is directly related to the question of politics and life.

Keywords: Memory. Body Memory. Memory of Sensations. Literature. Digital Culture.

Recorcion y apego a la vida: de la memoria corporal a la memoria de las sensaciones en la literatura y la cultura digital

RESUMEN

El presente artículo investiga las relaciones entre memoria y subjetividad, con atención especial para los pasajes de la memoria corporal a la memoria de las sensaciones. Aborda inicialmente la pregunta de quién es la memoria, recorriendo las distinciones entre memoria individual, colectiva y social. En consecuencia, el trabajo contextualiza la importancia de la memoria corporal desde el punto de vista del psicoanálisis y la relevancia de la cuestión de la memoria de las sensaciones desde el punto de vista de la filosofía. Con el objetivo de trabajar los pasajes de la memoria corporal a la memoria de las sensaciones, el trabajo se utiliza de las literaturas de Marcel Proust, Danilo Kis y Hermilo Borba Filho. Al final del artículo, se encuentra la problematización de la memoria en el ámbito de la cultura digital a partir de la memoria literaria como agenciamento activador de la memoria sensible. El problema de la memoria está directamente relacionado con la cuestión de la política y la vida.

Palabras clave: Memoria. Memoria Corporal. Memoria de las Sensaciones. Literatura. Cultura Digital.

Recebido em: 04/08/2017

Aceito em: 10/11/2017